

## EDUCAÇÃO, LINGUAGEM(NS) E ARTE: LEGADOS E DERIVAS

Aracy Ernst<sup>1</sup>

Marleni Nascimento Matte<sup>2</sup>

Pensar a educação como campo disciplinar implica percebê-la como espaço que não se constitui por fronteiras fechadas. O pesquisador é desafiado a acolher o encontro da área da educação com estudos procedentes de outras áreas, trazendo questões de língua, de discurso, de arte, de arte-educação, de diferentes linguagens, e, dessa forma, interrogando como estão sendo narrados, subjetivados e identificados os sujeitos na contemporaneidade, seus discursos, suas práticas.

Nessa linha de pensamento, reiteramos a importância da linguagem em sua multiplicidade de aspectos e a impossibilidade de produzir educação sem ela. Para tanto, há que se acionarem mecanismos diversos de interpretação que tornem visíveis os processos discursivos que nela se operam, particularmente aqueles produzidos na instituição escolar ou em outros espaços que veiculam discursos sobre a docência. Buscamos, ao introduzir essa Seção, assinalar sua relevância, haja vista a possibilidade de ampliar a interlocução não só com pesquisadores envolvidos com estudos a partir dos quais é possível surpreender variadas interpretações de discursos sobre educação, como também com outros que, embora não trabalhando diretamente com linguagens verbais ou apenas tangenciando a educação, trazem contribuições a serem consideradas. Nesse enredamento de autorias (com)partilhadas e negociadas, um outro recorte acadêmico-afetivo evidenciado, neste trabalho, foi o mote do itinerário das escritas: homenagear a professora Regina Maria Varini Mutti através de produções que contam um pouco as histórias de sua pesquisa e de seus amigos e também ex-orientandos e colegas na docência no ensino superior e no GPEAD (Grupo de Pesquisas em Educação e Análise de Discurso).

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (1971), Mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1980) e Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994). Vinculação Institucional: Universidade Católica de Pelotas. Escola de Educação, Curso de Mestrado Em Letras. Endereço: R. Félix da Cunha, 412, Centro, 96010-000 - Pelotas, RS – Brasil, Telefone: (53) 21288242. Endereço eletrônico: [aracyep@terra.com.br](mailto:aracyep@terra.com.br).

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Vinculação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço: Av. Paulo Gama, 110 – Bairro, Farroupilha - Porto Alegre - Rio Grande do Sul, CEP: 90040-060 - Fone: +55 51 33086000. Endereço eletrônico: [marlenimatte@terra.com.br](mailto:marlenimatte@terra.com.br)

### UMA HOMENAGEM...<sup>3</sup>

Segundo as notas de sua biografia, a professora Regina nasceu em Porto Alegre e iniciou sua carreira acadêmica, como estudante, no Curso de Letras da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), posteriormente exercendo o cargo de professora ao qual se dedicou de 1973 a 2015. Nesse período de tempo longo, produtivo e, sob certo aspecto, pioneiro quanto às opções de pesquisa feitas, ela deixou marcas em variados espaços e em muitas pessoas.

De 1973 a 1977, atuou como professora da rede pública estadual no ensino fundamental e médio do *Colégio Estadual Inácio Montanha*, na capital gaúcha. Entre 1978 e 1984, ainda vinculada à rede pública estadual, aceitou o desafio de desempenhar atividades como assessora técnica e pesquisadora do *Grupo Funcional de Currículo da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul*. Nesses dias de tantos afazeres, seus compromissos se dividiam entre os contextos da educação pública estadual e as funções exercidas no *Colégio de Aplicação (CAp) da Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS*, local em que atuou de 1972 a 1993. Tendo ingressado nessa instituição em 1972, como professora colaboradora, para lecionar Português e Literatura, foi celetista e, posteriormente, enquadrada, mediante processo seletivo, na Classe E-4. No quadriênio 1985-1988, foi diretora do *Colégio de Aplicação*.

Em 1993, ao encerrar suas atividades no *Colégio de Aplicação*, em função da aposentadoria, recebeu um convite da *Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Convite aceito, atuou como professora convidada, de 1993 a 1994, no *Curso de Licenciatura em Letras*, no *Curso de Pós-Graduação em Educação Psicomotora* e, também, no *Curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura*.

Entre 1994 e 2007, Regina teve seus dias tomados pelas atribuições que lhe coube assumir na Faculdade de Educação da UFRGS. Tendo ingressado mediante concurso público para Professor Assistente, no Departamento de Ensino e Currículo, Área de Didática e Ensino de Língua Materna, foi promovida para Professor Adjunto imediatamente, por título de Doutor. Em 1996, foi credenciada como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU). A partir de 2007/2, após a aposentadoria, foi convidada a

---

<sup>3</sup> Os dados, aqui, apresentados foram obtidos por meio de consulta ao *Currículo Lattes* de Regina Maria Varinvi Mutti disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4723160J2>.

permanecer atuando, como Docente Colaboradora Convidada, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU), onde deu continuidade às atividades de docência, pesquisa e orientação de mestrado e doutorado iniciadas em 1996. No primeiro semestre de 2015, por ocasião da Defesa de Tese de Doutorado de Fabíola Polzoni Balzan, ocorrida na tarde do dia 25 de fevereiro na sala 608 da Faculdade de Educação (UFRGS), Regina se despediu formalmente desses afazeres que a tantos tocaram e afetaram no PPGEDU e para além dele. Desejamos, no entanto, que se mantenha sua produção sobre análise de discurso e educação, seu envolvimento com esses saberes, do mesmo modo que vai se manter seu legado para além do tempo de agora.

Quando olhamos da janela do presente para os percursos de formação percorridos por Regina Mutti, destacamos, com Tomé e Matte (2012), o relevante trabalho desenvolvido por ela:

Ela foi uma das primeiras professoras a estudar o discurso sob o olhar de Michel Pêcheux no Rio Grande do Sul, difundindo a Análise de Discurso em aulas, palestras, orientações, livros – ora como professora, ora como convidada. Sua trajetória acadêmica começou na graduação em Letras (UFRGS) e continuou no mestrado e no doutorado em Linguística e Letras (PUCRS); sempre pesquisando sobre discurso, texto, ensino, língua. O seu trabalho como professora na graduação e pós-graduação na Faculdade de Educação (UFRGS), grande centro formador de analistas em discurso, nos incentivou a caminhar por dentre noções de sujeito e de ideologia, sentidos e acontecimentos, e continua a incentivar o aluno iniciante a novas pesquisas, novas trajetórias discursivas [...]. (TOMÉ; MATTE, 2012, p. 611-612).<sup>4</sup>

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entre 1994 e 2007. Membro do corpo editorial das revistas *Atos de Pesquisa em Educação*, *Cadernos do Aplicação* (UFRGS), *Entrelinhas* (UNISINOS. Online), *Informática na Educação: teoria & prática* e *Eventos Pedagógicos*. Líder do Grupo de Pesquisa sobre *Educação e Análise de Discurso* (CNPq) pela UFRGS. Docente Colaboradora Convidada no

---

<sup>4</sup> Em 2012, Cristinne Leus Tomé e Marleni Matte produziram um belo texto com o objetivo de homenagear Regina Maria Varini Mutti. Ele foi publicado no Número Especial da Revista *Eventos Pedagógicos: introdução à Análise de Discurso* e está disponível em <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/553/361>. Nesse texto, as vozes de Cristinne e de Marleni se misturaram a de outros ex-orientandos, ex-alunos, amigos que, provocados por uma pergunta lançada pelas duas autoras – O que você destacaria sobre a AD que seja importante para um pesquisador iniciante saber?, explicitaram uma história escrita sempre com a presença e a orientação de Regina Mutti. À época, os colegas que deixaram seus depoimentos no referido artigo foram: Cláudia Landin Negreiros, Marleni Matte, Maria de Lourdes Fernandes Cauduro, Fabíola Ponzoni Balzan, Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, Luize Sehn, Tânia Pitombo de Oliveira, Sandra Regina de Moura, Cristinne Leus Tomé, Neusa Inês Philippsen, Marisa Rosani Abreu da Silveira, Sandra Luzia Wrobel Straub, Cristina Py de Pinto Gomes Mairesse e Dóris Maria Luzzardi Fiss.

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 2007 e 2015.

Muitas histórias vividas. Muitas aprendizagens compartilhadas. Dentre esses itinerários todos nos quais inscreveu o seu dizer, num ponto deles se faz um encontro: o apaixonamento pela análise de discurso na interface com a educação. Uma rede de discursos foi tecida sob o olhar de Regina Mutti. Ao revisitarmos as investigações desenvolvidas entre 1996 e 2015, encontramos estudos os mais variados que citamos a seguir:

#### **Iniciação científica**

2013 - Sandra Regina de Moura. *Ecos do discurso do outro no fio do discurso do sujeito-pesquisador*.

2012 - Sandra Regina de Moura. *Dizer de si na escrita acadêmica: a formação do pesquisador*.

2011 - Sandra Regina de Moura. *Dizer de si no texto acadêmico: a formação do pesquisador*.

#### **Dissertação de mestrado**

2014 - LuizeSehn. *Do cuidar ao educar na Educação Infantil: efeitos de sentido*.

2009 - Joelma Adriana AbrãoRemião. *Escola & Pesquisa: sentidos de um encontro possível*.

2009 - Ângela Russo. *Intérprete de língua de sinais: uma posição discursiva em construção*.

2007 - Lourenço Eugênio Cossa. *Línguas Nacionais no Sistema Nacional do Ensino para o Desenvolvimento da Educação em Moçambique*.

2006 - Ione MariaRich Vinhais. *Produção textual de alunos do Ensino Médio: filiação discursiva, constituição de sentidos e sujeitos*.

2005 - Flávio Lunardi. *Educação e Televisão: a produção de sentidos num programa de auditório*.

2002 - Maria Fátima Castilho. *Da pedagogia à escola: sentidos sobre a profissão professora*.

2002 - RafaelPeruzzo Jardim. *A travessia do leitor: histórias de leitura e memória discursiva nos dizeres de alunas adultas*.

2002 - Leonidas Roberto Taschetto. *Profissão policial: efeitos de sentidos de ambivalência nos dizeres dos policiais (o que dizem, por que dizem, como dizem)*.

2001 - Marleni Nascimento Matte. *A Informática na escola como acontecimento: que sentidos estão sendo produzidos?*

2001 - FernandoHartmann. *Movimentos do real: a produção de sentidos sobre a informática na escola*.

2000 - MarisaRosani Abreuda Silveira. *A interpretação da matemática na escola, no dizer dos alunos: ressonâncias do sentido de dificuldade*.

2000 - Sita Mara Lopes Santana. *O ensino de língua materna para adultos: a busca de novos sentidos*.

1998 - Doris Maria LuzzardiFiss. *Os processos de construção da autoria e do mal-estar docente numa escola pública estadual*.

#### **Tese de doutorado**

2015 - Fabíola PonzoniBalzan. *Seja um professor: a profissão e a publicidade em discurso*.

2013 - ClaudiaLandin Negreiros. *Sentidos sobre o Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas Estaduais de Barra do Bugres-MT: a prática docente em discurso*.

2011 - Valéria MariaGobbi. *As significações da percepção na apreciação musical*.

2009 - Sita MaraLopesSant'ana. *Os sentidos nas perguntas dos professores da educação de jovens e adultos*.

2009 - CristinneLeus Tomé. *Eu não sou professor, não: a presença do professor na cidade de Cláudiaentre 1978 e 1988*.

2008 - RitaCatalina AquinoCaregnato. *A questão ético-moral na formação dos enfermeiros e médicos: efeitos de sentidos nos discursos docentes*.

2007 - Fernando Hartmann. *A Voz na Escrita*.

2007 - Leonidas Roberto Taschetto. *Aprender a desaprender o modelo na experiência grupal*.

2007 - Maria de Lourdes Fernandes Cauduro. *Escrita e Ensino: ecos do discurso pedagógico*.

2007 - Sueli Souza dos Santos. *Linguagem e Subjetividade do Cego na Escolaridade Inclusiva*.

2005 - Marleni Nascimento Matte. *Autoria no ambiente virtual pedagógico*.

2003 - Dóris Maria LuzzardiFiss. *Territórios Incertos: os processos de subjetivação das professoras da rede pública estadual*.

2000 - Gladys Beatriz Morales de Wheeler. *A constituição da identidade do professor de língua estrangeira no curso de formação.*

Além da consulta ao que melhor se produz em Análise de Discurso, os estudos promovidos nos seminários avançados, nas práticas de pesquisa, nas leituras dirigidas e nos encontros de orientação individual eram acompanhados por denso e movimentado debate em que as noções teóricas eram (re)pensadas sob o olhar de novos estudos e de leituras outras. Os colegas e orientandos atavam e desatavam nós, faziam laços, surpreendiam sentidos que reverberavam no fio do discurso. Lutavam com a instabilidade do dizer, com sua opacidade, com a não-transparência de um sentido que pode ser sempre outro, com a equivocidade constitutiva dos sentidos e dos sujeitos. Lutavam com memórias de uma escola que ensinou, em certos momentos, a crer nos sentidos logicamente estabilizados e, frente a isso, aprendendo a se fazer na posição de analistas de discurso, buscavam produzir rupturas no espaço tenso das relações entre polissemia e paráfrase – lugar de todo dizer, lugar de tentativas impossíveis de dizer o todo.

#### **MUITOS LEGADOS. LEITORES, DISCURSOS, DERIVAS**

Numerosos são os leitores e, em igual quantidade, as obras que os leitores não se poupam derastrear. Paulo Freire (2003; 2011) estimulou nosso olhar ao ampliar a compreensão de leitura, tirando-a do papel e abrindo-a para o mundo – lemos o mundo que atravessa e revira a palavra, mundo que “inventa” a palavra e nela se “inventa”, ensinou-nos o autor. São inúmeras as versões possíveis para um escrito assim como variados são os gestos de leitura. Dos estreitos limites do papel, o olhar fixa o horizonte como fronteira no sentido que Heidegger (1971) confere a ela: lugar a partir do qual algo passa a ser visto de modos outros, lugar que não separa, não determina, não estabiliza. Portanto, e buscando interlocução com a Análise de Discurso, podemos especular que,

mesmo sentidos supostamente fixos jogam nesse movimento que inclui tanto a regularização do pré-existente como a desregulação perturbadora da rede de sentidos. Tais processos remetem [...] ao real da língua, à alíngua (concepção tomada por empréstimo de Milner) preenchida por processos de equivocação ligados ao reviramento dos sentidos...(FISS, 2014, p. 52).

Seria dizer que, como nos ensina Michel Pêcheux, tais processos remetem a “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica” (1997b, p. 43), a pontos nos quais a

consistência da representação lógica cessa. Em se tratando de estabilização/desestabilização dos sentidos, o autor francês assinala que

a memória tende a absorver o acontecimento [...], mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Aproximando tais considerações da escola pela mão de Regina Mutti, que tem acenado para possibilidades relevantes de interface entre Análise de Discurso e Educação, lembramos o que propõe a autora a respeito das diferenças culturais e de suas interlocuções com a escola. Segundo ela, “as diferenças culturais que consistiriam numa força capaz de alterar mais substancialmente a escola, costumam muitas vezes ser apagadas no seio da própria instituição” (MUTTI, 2000b, p. 13). Então, o que produz a diferença do mesmo num discurso pedagógico no qual ressoam sentidos de silenciamento do(s) Outro/outro(s)? Na escola, como se constituem esses processos de descascamento dos sentidos pelos quais a linguagem se hibridiza?

A Análise de Discurso nos auxilia a responder tais indagações quando aponta para a importância de não apenas interpretar o que se está lendo, mas de compreendê-lo. Como nos ensina Orlandi(1996), deve-se interrogar a interpretação atentos para o fato de que “interpretar, para o analista de discurso, não é atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto, [...], é compreender, ou seja, explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, o que resulta em saber que o sentido sempre pode ser outro” (p. 64). Sem esquecer, como assinala Mutti, ao retomar considerações pêcheuxtianas, que “a AD não somente se propõe a ser uma disciplina de interpretação, mas que ela própria, como disciplina, está sujeita à interpretação” (2005, p. 05), fato, inclusive, sublinhado pela autora em outro texto mais recente no qual, junto com Fiss, ela reitera que

a AD não se institui especialista em qualquer área, se situando no universo do conjunto das disciplinas de interpretação e se propondo, enquanto campo de análise, o campo dos espaços discursivos não logicamente estabilizados. Implica, portanto, um trabalho que se efetiva a partir dos múltiplos registros dos mundos cotidianos relacionados aos modos pelos quais os sujeitos praticam seus discursos e, neles, se significam. (FISS; MUTTI, 2011, p. 645).

Há que se pensar a língua, então, sem esquecer que os sentidos escorregam por entre os dedos, acentuando a frágil segurança da língua que não se enquadra no que Pêcheux (1997b)

denomina “universos logicamente estabilizados” aos quais não concerniriam os “jogos de ordem simbólica”. Língua sujeita a falhas, sujeito (e)feito da língua que o determinam questões que subjazem a afirmação de que “as ‘coisas-a-saber’ coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de ‘saber do que se fala’, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem ” (PÊCHEUX, 1997a, p. 55).

Lembramos, nesse momento, de Homi K. Bhabha (1998) e de seus “entre-lugares” que, como intuiu Regina em uma reunião de orientação em 2002, pode ser percebido como um lugar em que o sujeito visualiza dois lugares de dizer, ou duas posições, desnaturalizando o sentido das palavras:

... os significados estabilizados das palavras escondem as condições da nomeação. As palavras contêm uma linha invisível que mantém apagada a posição subjetiva de onde parte a nomeação. Tornando-se estáveis, os signos linguísticos parecem não comportar a possibilidade de diferenças quanto ao estabelecimento do referente. Mesmo assim, podem tornar-se alvo de questionamento pelos sujeitos que se dispõem a não carregar meramente sentidos que não assumem como seus. Transformam-se assim os sentidos pela ação dos sujeitos. (MUTTI, 2014, p. 349).

Bhabha, a esse respeito, adverte que a estrutura da representação simbólica se constitui numa espécie de “diferença no processo da linguagem que é crucial para a produção do sentido e que, ao mesmo tempo, assegura que o sentido nunca é simplesmente transparente e mimético” (p. 65). Isso parece se relacionar com o que diz Pêcheux: “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (1997b, p. 53), ao que acrescenta Mutti, quando nos provoca a pensar a respeito do discurso pedagógico, “ele é heterogêneo, porque capaz de abrigar, em seu interior, posições divergentes” (2008, p. 146): ainda que resistente a mudanças, ele não é refratário a elas haja, vista que

estas podem ocorrer, representando novas posições de sujeito, novos lugares de significação do pedagógico, assim constituídos na dependência de todo um trabalho do sujeito para interpretar, produzir sentido seu, ultrapassando a tendência à mera repetição dos mesmos sentidos. Considera-se que esses novos lugares de dizer sejam forjados aos poucos, em se tratando do discurso pedagógico. Trata-se de pequenas mudanças que, nas práticas pedagógicas fazem diferença, atingindo as bordas, as fronteiras do território o qual, afinal, surge com outra forma, novo contorno. (MUTTI, 2008, p. 147).

A língua, “condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2012, p. 22), é estudada a partir do discurso – esse contínuo que movimenta os sentidos já-dados.

Formada pela memória do dizer, a língua “figura como a base para o processo discursivo” (MUTTI, 2000a, p. 01), e seu funcionamento se assenta na tensão entre movimentos parafrásticos, em que repetimos o já-dito, e movimentos polissêmicos, quando o processo de significação desloca o sentido já-dado, abrindo-se a novos efeitos de sentido. Isso é motivo para que uma análise “somente no plano linguístico, no nível do texto, não é capaz de dar conta da significação numa esfera de amplitude maior, bem como é também limitada uma análise centrada apenas na pragmática da enunciação” (MUTTI, 1991, p. 87). De acordo com Ernst-Pereira e Mutti:

...é sabido que não basta o propósito crítico, sociológico, para dar conta da especificidade da posição de analista de discurso; assim, se ao linguista, conforme coloca Authier-Revuz (2006), costuma atribuir-se o cuidado com a língua, ao analista de discurso caberia o cuidado com o discurso representado na língua. (2011, p. 818).

No gesto de compreender, cabe ao analista superar a evidência do dito, lendo-o através de noções, oriundas da Análise de Discurso, como as de condições de produção, de memória discursiva e posição-sujeito. Ao analista de discurso, cabe, portanto, considerando tais noções, percorrer os sentidos possíveis a partir da materialidade, colocar-se à escuta, atento aos modos como essa materialidade, que é gerada historicamente, os produz. Seja linguística, seja imagética, a materialidade, objeto de análise, deve ser pensada em sua relação com discursos existentes, com o contexto histórico que produziu condições para que ocorresse de uma determinada forma e não de outra, enfim com o sujeito, com a história e com a língua.

A esse respeito, Sandra Regina de Moura, afetada pelos saberes da Análise de Discurso, assumidos desde o período de orientanda de Iniciação Científica de Regina, no período de 2011 a 2013, declara em seu Trabalho de Conclusão de Curso que:

Nos estudos discursivos, a língua não é considerada apenas estrutura para o discurso, mas também acontecimento. A partir da análise de discurso se origina um processo constituído por atos interpretativos que se propõem enquanto derivas, articuladas por um movimento que flutua da materialidade linguística para o interdiscurso e vice-versa, incluindo os movimentos que constituem os sentidos e o modo como a linguagem engendra as negociações de sentidos entre e pelos sujeitos. (2014, p. 16).

Em tais palavras, reverbera a voz de Regina Mutti que nos lembra, em diferentes momentos de trabalho conjunto e em escritos socializados em também diferentes tempos e veículos, que:

Pôr em questão a transparência da linguagem, ao se efetivar a leitura analítica, procurar pontos de deriva é o que pede a análise de discurso. Nesse processo, no



qual se lida com a equivocidade e a falha, emerge o sentido outro, o diferente. O próprio interdiscurso se movimenta a cada novo “gesto de interpretação” através do qual os sujeitos de linguagem imprimem-lhe um novo sentido, construindo a memória coletiva do dizer, com seu trabalho de significação. (MUTTI, 2000a, p. 03).

[...] a Análise de Discurso pauta-se pelo princípio de vincular sempre os dispositivos teóricos aos procedimentos de análise, é uma disciplina comprometida com a análise. Devem as "construções novas" [...], assim, por exemplo, contemplar na análise os feixes de traços interdiscursivos que se cruzam, se conjugam e se dissociam, se inscrevendo através de uma língua, não somente por ela mas também nela. Uma análise que mostre falhas na língua e equívocos do sujeito [...].(MUTTI, 2005, p. 02).

[...] os procedimentos analíticos destacam a relação entre o intradiscurso, nível das formulações discursivas pelas quais se materializa o discurso por meio da enunciação, e o interdiscurso, nível dos saberes, da memória, apontando ao enunciável do discurso. Cabe então ao sujeito-analista debruçar-se sobre o corpus da pesquisa, tendo em vista o funcionamento discursivo de marcas linguísticas, visando a mostrar efeitos de sentidos resultantes de seu gesto de interpretação. (MUTTI, 2014, p. 348).

Ao assumir a posição de analistas de discurso, como tal, os sujeitos travam diálogos com diferentes áreas teóricas, atentos, entretanto, aos pressupostos da AD. Esses diálogos com referenciais outros que lhe são exteriores, a partir do trabalho teórico-analítico, passam a habitar o seu interior. A infinita capacidade de produção de “gestos de leitura” traduz-se numa variação de análises possíveis, dependentes obviamente de seus diferentes propósitos. Os analistas procuram mostrar como a língua é sujeita à falha e como o sujeito é efeito da história; no entanto, também eles estão submetidos a essa condição; portanto, ocupando também uma posição de leitores, estão “condenados” instados a significar, consoante pontua Mutti (2005),

o autor [Michel Pêcheux] assinala que o sujeito que formula teorias, inscrevendo-se no discurso científico-acadêmico, está autorizado a produzir novos sentidos, de acordo com a sua historicidade, inclusive re-significando conceitos. Deve-se a essa atuação dinâmica do sujeito o fato de que os campos de conhecimentos não são fixos. (MUTTI, 2005, p. 03).

Atentando para o fato de que “o sentido das palavras é determinado pelas condições sócio-históricas de sua produção, [...] dependendo, o sentido, dos lugares de interpretação” (MUTTI, 2014, p. 350), o analista, na busca por compreender como o discurso produz sentidos, assume posturas interrogativas que alavancam seu trabalho de interpretação. A base de seu trabalho funda-se na noção de sujeito histórico e não na de sujeito psicológico, como nas teorias pragmático-comunicacionais. Se, como lembra Regina Mutti, em vários de seus trabalhos, o discurso possibilita tanto permanência e continuidade quanto deslocamento e transformação, a análise de discurso constitui-se numa ciência que considera o “movimento dos sentidos” e a “errância dos sujeitos”.

## APRESENTAÇÃO

Dóris Maria Luzzardi Fiss<sup>5</sup>

Cristinne Leus Tomé<sup>6</sup>

Esta edição da Revista *Reflexão & Ação*, organizada por nós, abriga vinte e duas produções organizadas em três seções. Ainda que todos os textos contribuam com o adensamento das discussões relativamente à educação, trazendo reflexões que decorrem de pesquisas realizadas ou em andamento, eles assumem uma identidade diferente relacionada ao lugar que ocupam, tendo sido agrupados do seguinte modo: Dossiê; Artigos Temáticos (Fluxo Contínuo); Artigos Especiais.

## DOSSIÊ

Ao propor uma temática ampla, o Dossiê intenta homenagear Regina Maria Varini Mutti, professora e amiga que, a partir da Análise de Discurso, tem deslizado por diferentes temas, às vezes, acompanhada pelos autores dos onze escritos que são, também, colegas, amigos, ex-orientandos.<sup>7</sup> O primeiro texto, produzido por Aracy Graça Pereira e Marleni Matte, é menos um artigo e mais uma introdução a essa Seção, trazendo uma retomada dos estudos da Análise de Discurso francesa pècheuxtiana tanto com a finalidade de destacar a sua importância como as contribuições dadas por Regina Mutti para a área fronteiriça que coloca em diálogo os estudos da linguagem e a educação. Os outros dez escritos, aqui reunidos,

---

<sup>5</sup>Graduada (Licenciatura Plena) em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991), Mestrado (1996-1998) e Doutorado (1999-2003) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professora Adjunta IV no Departamento de Ensino e Currículo (Área: Didática) da Faculdade de Educação (FACED) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Av Paulo Gama, Centro, 90110-160 - Porto Alegre, RS – Brasil. Telefone: (51) 33084157. Endereço Eletrônico: [fiss.doris@gmail.com](mailto:fiss.doris@gmail.com)

<sup>6</sup> Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), graduação em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Atualmente é professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. Endereço: Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop. Av dos Ingás 3001, Centro 78550-000 - Sinop, MT – Brasil, Telefone: (66) 35112100. Endereço Eletrônico: [cristinne@unemat-net.br](mailto:cristinne@unemat-net.br)

<sup>7</sup> Observamos que, dos onze textos produzidos por pesquisadores ligados à professora homenageada e incluídos nesta seção, em dois deles a Análise de Discurso não está presente, se deslocando o enfoque para questões vinculadas à educação e linguagens outras, no caso, a linguagem matemática. Sua presença, aqui, se justifica por estarem próximos de um dos temas propostos – educação e linguagens – e, também, porque seus autores são ex-orientandos de Regina Mutti com artigos publicados em parceria com ela em outros periódicos.

podem ser organizados em quatro categorias em função de suas características e intenções. Eles serão apresentados, a seguir, agrupados a fim de que suas especificidades e convergências sejam destacadas.

### ANÁLISE DE DISCURSO, EDUCAÇÃO E PESQUISA

Nos artigos de Cristinne Leus Tomé (Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT), *A Secretaria Municipal de Educação na cidade de Cláudia: a prática discursiva entre o não-haver e o haver no processo de municipalização*, de Cláudia Landin Negreiros (UNEMAT), *Que português é esse? Diversidade e estranhamento*, e de Lourenço Eugénio Cossa (Universidade Pedagógica de Moçambique), *Violência Escolar: uma reflexão sobre as práticas docentes*, os pesquisadores propõem análises diretamente afetadas pelo trabalho de orientação desenvolvido pela professora Regina. Nesses escritos, destaca-se a Análise de Discurso como referencial teórico-metodológico potente para se pensar sobre os movimentos dos sentidos sobre os sentidos. Ademais, possibilitam uma aproximação de operadores conceituais pêncheuxianos que tocam em diferentes momentos da história de estudos de Michel Pêcheux, apresentando ao leitor os enlaces estabelecidos pelo autor francês em “Análise automática do discurso (AAD 69)”, “Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio” e “O discurso - estrutura ou acontecimento, sem tomar tais trabalhos desde uma perspectiva linear que não se confirma na AD”.

Em *A Secretaria Municipal de Educação na cidade de Cláudia: a prática discursiva entre o não-haver e o haver no processo de municipalização*, Cristinne analisa as práticas discursivas dos Secretários de Educação da cidade de Cláudia – Mato Grosso, entre 1988 e 2003, considerando algumas de suas ações políticas: a formação e qualificação dos profissionais da educação, a efetivação deste profissional e a estruturação e desarticulação das escolas rurais. A cidade de Cláudia que, ao surgir, existia apenas num certo “território” geográfico, mas sem documentação, com uma Secretaria de Educação na mesma situação, passou a “haver” quando discursos sobre esse existir se constituíram. O objetivo do referido estudo foi compreender o discurso, considerando deslocamentos entre o não-há e o há do município de Cláudia.

Cláudia Landin Negreiros nos apresenta um recorte de sua tese sobre o ensino da Língua Portuguesa nas escolas estaduais de Barra do Bugres – Mato Grosso, destacando como o currículo desta disciplina foi ressignificado pelos professores. A autora destaca que o ensino

de língua, nas escolas estaduais do município em questão, está em aberto quando analisa o trabalho de um professor, de uma das escolas de distrito, *ao dar de encontro* com a variação linguística existente naquela comunidade. Ressalva que o sujeito-aluno, que recusou a norma culta da Língua Portuguesa que parecia aceitar, mostrou ao professor a língua silenciada (não pelos habitantes daquele lugar), trazendo, então, a língua viva daquela região.

Lourenço Eugénio Cossa nos surpreende com a tematização da violência escolar no Sistema Nacional de Educação (SNE) de Moçambique. Destaca que o funcionamento do discurso pedagógico se assenta, ainda, no discurso de tipo autoritário, como prática produzida contra o aluno. Os métodos coercivos, oficialmente, foram banidos das escolas de Moçambique, mas eles persistem na realidade das práticas docentes. Apesar dos discursos educacionais atuais enunciarem que o castigo físico não está presente no trabalho docente na Moçambique independente, ele continua a existir na escola.

### ANÁLISE DE DISCURSO E IDENTIDADES DOCENTES

Os artigos de Joseane Spies (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre) e Dóris Maria Luzzardi Fiss (UFRGS), *Identidades Docentes, Charges e Crise do/no Magistério: efeitos de sentidos*, e de Maria José Coracini (UNICAMP), *Representações de Professor: entre o passado e o presente*, se aproximam não apenas pelo compromisso teórico-metodológico com o trabalho analítico-discursivo, mas também pelo assunto sobre o qual discorrem: as identidades docentes. Dito de outra forma, os dois textos estão próximos do discurso e, ao mesmo tempo, são próximos porque instauram uma interface entre discurso e educação ao propor que se pense sobre representações constituídas a respeito da docência e dos docentes.

Em *Identidades Docentes, Charges e Crise do/no Magistério: efeitos de sentidos*, Joseane e Dóris buscam compreender os efeitos de sentidos sobre a docência manifestados no gênero textual charge. As análises produzidas sobre as charges permitem perspectivar que as pessoas não identificam mais seus interesses apenas por relações de classe, mas elas mudam sua identidade de acordo com o modo como são interpeladas ou representadas. O efeito de sentido de crise do/no magistério apareceu nas charges articulado à precarização salarial, feminização do magistério, relação diferente com os alunos e com certas instituições, remetendo a uma produção de sentidos em torno do docente que evidencia tanto um

funcionamento discursivo parafrástico quanto polissêmico, afetando as identidades forjadas pelos professores.

Em *Representações de Professor: entre o passado e o presente*, Maria José Coracini objetiva discutir o termo “representação” a partir de várias acepções, assim como apresentar algumas imagens ou representações de professor que, evidenciadas na análise de um texto publicado na internet, habitam o profissional. O professor se encontra no entremeio, no espaço entre as oposições, entre ser e não ser, saber e não saber, conhecer e não conhecer, ter autoridade e não ter, ser livre e se submeter. As representações de si que habitam, ainda hoje, o professor de qualquer disciplina, funcionam, à maneira da banda de Moebius, como uma torção que anula os opostos, as contradições: as representações tidas como tradicionais, ainda presentes hoje, têm sua continuidade retorcida nas representações que o momento histórico-social lhes atribui. Assim, não há uma oposição radical entre passado e presente, mas uma continuidade na torção, sob a forma de um oito, do direito que se torna avesso e do avesso que se torna direito.

## EDUCAÇÃO E LINGUAGENS OUTRAS

Gladys Beatriz Morales (Universidade de Rio Cuarto, Argentina), em *Efectos de Sentido en La Enseñanza de Lenguas Extranjeras: un gesto de lectura*, Marisa Rosâni Abreu da Silveira, Paulo Vilhena da Silva e Valdomiro Pinheiro Teixeira Junior (Universidade do Estado do Pará – UFPA), em *Educação Matemática, Linguagem e Arte: a apreciação da matemática pela compreensão de suas regras*, e Leonidas Roberto Taschetto (Centro Universitário La Salle – UNILASALLE) e Cláudia Glavam Duarte (UFRGS), em *Educação matemática e jogos de linguagem na escola: reverberações*, concebem a linguagem como objeto de trabalho, enfocando o ensino - o ensino de línguas estrangeiras e o ensino de matemática, respectivamente.

Gladys nos presenteia com um relato sobre o ensino de línguas estrangeiras na Argentina de 1950 até os dias atuais. Ela aborda a sua complexidade frente às novas teorias, identificando três efeitos de sentido: o efeito tecnocrático, o efeito da especificidade e o da complexidade. O efeito tecnocrático evidencia o ensino eficaz, positivista, a psicologia condutivista, o domínio do professor – uma característica entre os anos 1950 e 1970. O efeito da especificidade se destaca na concepção de autonomia do aluno, no questionamento, na reflexão didática, e se constituiu como uma ponte entre o efeito tecnocrático e o da

complexidade. No efeito de complexidade temos a investigação da ecologia da aula, com a tendência crítico-reflexiva de formação docente e o enfoque intercultural de ensino.

No artigo de Marisa, Paulo e Valdomiro, os autores analisam similaridades e diferenças entre criação matemática e criação artística, vislumbrando a estética e o uso da linguagem no ensino de matemática e apresentando o *ver-cómo* wittgensteiniano como o domínio de técnicas para conhecimento e apreciação de obras matemáticas. Discorrem sobre a relação entre matemática e estética. No sentido wittgensteiniano, essa relação não se dá de acordo com explicações cognitivistas, mas sim está associada ao fato de que precisamos ser treinados a ver o “belo” na matemática (como também em uma pintura ou música). Em outras palavras, uma pessoa não possui capacidade de ver algo na matemática antes de qualquer apresentação do objeto a ser apreciado, como se houvesse uma capacidade inerente àquele que consegue compreender a matemática.

Em *Educação matemática e jogos de linguagem na escola: reverberações*, Leonidas e Cláudia abordam, num primeiro momento, proposições que têm sido colocadas à Educação Matemática, interrogando a pretensão de universalidade da matemática acadêmica. Em momento posterior, analisam uma das implicações para a Educação Matemática Escolar. De forma específica, desde Wittgenstein, na segunda parte do texto, problematizam a verdade que se propagou e se enraizou no discurso educacional ao afirmar a necessidade de se trabalhar a partir da realidade do aluno em sala de aula a fim de se atribuir significado à matemática escolar. Sustentando a impossibilidade de tal empreendimento, argumentam que os jogos de linguagem da matemática escolar e aqueles que constituem as práticas sociais, apesar de guardarem semelhanças de família entre si, são distintos. Assim, a “passagem” de um jogo de linguagem pertencente a uma forma de vida para a outra não garantiria a permanência do significado. Antes, sugere sua transformação.

## DISCURSO, ARTE E AUTORIA

Dois artigos, que têm em comum as aproximações propostas entre discurso, arte e autoria, concluem o conjunto de textos produzidos por colegas próximos de Regina Mutti.

No artigo *Elementos para a Escuta e Análise do Jogo da Voz no Simbólico*, Pedro de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), linguista envolvido com o discurso e com Michel Foucault, respinga de sentidos estéticos o nosso dossiê uma vez que põe linguagem e arte em diálogo, produzindo uma belíssima análise. Em seu texto, o autor nos

mostra como a voz pode ser abordada como objeto simbólico ao analisar a entrevista de Elis Regina ao *Programa Ensaio*, em 1973. O autor destaca, com esse trabalho, a sugestão de alguns elementos procedimentais para a análise de um processo de subjetivação que toma como objeto simbólico a voz, esta tomada na e pela escuta de sentidos possíveis em formação em dada região interdiscursiva. O mote da análise realizada incidiu sobre o processo discursivo que permite escutar, a cada programa, uma voz cantante enquanto acontece no sujeito que canta.

Em *A autoria no enlace equívoco das posições de sujeito*, Suzy Lagazzi (UNICAMP) aponta para a identificação de alunos e professores em diferentes posições de sujeito. Destacando importantes aproximações entre o conceito de posição de sujeito e a noção de equívoco para a compreensão da produção do conhecimento enquanto gesto de autoria, sem esquecer de considerar as condições de produção da prática docente, a autora dialoga com Pêcheux. Amplia a interlocução, nela incluindo Orlandi, Gallo, Pfeiffer, Fedatto e Machado, ao avançar na reflexão acerca de autoria/autoridade/responsabilidade, ensino e escola. Assinala, por fim, a necessária busca de condições para que o desejo de saber e a identificação com o conhecimento estejam em contradição com a hierarquia da autoridade de saber de modo que a apropriação dessa autoridade passe a ser um processo de responsabilização dos sujeitos professores e alunos pelos sentidos, um processo de autorias compartilhadas.

## ARTIGOS TEMÁTICOS

Os artigos temáticos, aqui apresentados, correspondem a respostas qualificadas de colegas pesquisadores à proposta de uma edição que nasceu de um desejo de ampliarmos a interlocução relativamente aos cruzamentos possíveis entre educação, arte e linguagem(ns). Os estudos socializados na Seção *Artigos Temáticos* confirmam a potência do encontro da área da educação com estudos procedentes de outras áreas, possibilitando problematizar os sujeitos na contemporaneidade, seus dizeres, seus fazeres.

Em *Como olhamos e somos olhados pelas imagens? Estudos críticos dos artefatos da cultura visual*, João Paulo Baliscei e Vinícius Stein discorrem a respeito da intensidade com que os indivíduos pós-modernos se relacionam com a visualidade. Ao se propor a reflexão quanto aos modos pedagógicos de estudar os artefatos culturais do cotidiano, chamados de artefatos da Cultura Visual, remetem a uma investigação preocupada em identificar aproximações e convergências entre pesquisadores/as dos Estudos Culturais e do Estudo da Cultura Visual no que diz respeito aos estudos de artefatos visuais.

*A leitura lenta da obra de arte como proposta para educação estética: contribuições de Marx e Vigotski*, produção de Priscila de Souza Chiste, sinaliza uma proposta de Educação Estética, a partir de pesquisa bibliográfica, em diálogo com estudos de Marx e Vigotski. Ao apresentar reflexões sobre a Estética e seu aspecto educativo, sugere um caminho, por meio das Artes Visuais, para se educar esteticamente a partir do conceito de leitura lenta da obra de arte. A autora associa a Educação Estética a um modo de formação dos sentimentos e dos gostos que pode possibilitar o princípio criador em todas as atividades humanas, contribuindo com a formação de identidades, subjetividades e alteridades.

Patricia Peruzzo, na *Função social, cultural e artística da imagem fotográfica*, analisa as mudanças que ocorreram nas práticas do olhar de uma sociedade acostumada a visualizar imagens a partir de representações pictóricas e fotográficas. Ademais, busca entender como, após o advento da fotografia, no segundo quarto do século XIX, modificaram-se os regimes de visualidade presentes nesta sociedade. Nesse sentido, ao se aproximar de debates que incluem a escola e suas práticas, assinala que cabe a essa instituição abrir mais espaços para a compreensão dos regimes de visualidade bem como tentar compreender sua trajetória, sua história, sua constituição— o que passa, necessariamente, pela história da Fotografia e de suas diversas funções ao longo dos tempos.

O artigo *Multiletramento e produção de identidade na sociedade contemporânea: analisando enunciados multimodais*, escrito por Lidnei Ventura, Thais Ehrhardt de Souza e Dulce Márcia Cruz, investiga possíveis relações de determinação entre multiletramentos e produção de identidades na contemporaneidade. Os pesquisadores partem do princípio de que tais identidades, na modernidade tardia, estão em constante mutação e são formadas e transformadas continuamente. Nesse contexto, as condições de autoria multimidiática permitidas pelas mídias digitais, ao mesmo tempo, produzem identidades e são expressões delas, tanto no âmbito da cultura quanto das tecnologias utilizadas.

Elena Maria Mallmann, Sabrina Bagetti, Juliana Sales Jacques e Iris Cristina Datsch Toebe, em *Linguagem como prática social: o blog como espaço de interação e colaboração*, ao partirem de uma compreensão de linguagem como meio de interação social, pensam o ensino de língua portuguesa desde práticas pedagógicas inovadoras nas quais o estudante, sujeito social ativo, constitui-se ao interagir com o outro. Nesse sentido, a partir da análise do uso do blog, em situação de trabalho envolvendo produção textual de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, o estudo permitiu inferir que a integração das novas tecnologias, além de constituir proposta de inovação nas práticas de ensino de língua



portuguesa, pode potencializar a interação através de uma situação específica de comunicação que implicou produção de contos e seu compartilhamento num ambiente virtual.

Em *Para cada tempo, um leitor*, Andreia Silva de Negri, Flávia Brocchetto Ramos e Lucila Guedes de Oliveira exploram a literatura infantil, o letramento literário, o PNBE e a infância a partir da análise, com base em pressupostos bakhtinianos, da narrativa *Ervilina e o Príncipe ou Deu a louca em Ervilina*, de Sílvia Orthof. As autoras discutem prováveis interações entre texto (verbal e visual) e leitor e, também, aproximações entre obras literárias e leitor infantil, no espaço escolar, a partir da mediação docente, tendo como foco práticas de linguagem que podem promover a experiência estética e o letramento literário.

*Literatura, teatro e cinema: mediações possíveis para William Shakespeare na segunda fase do ensino fundamental*, de autoria de Lemuel da Cruz Gandara, a partir de análise de trabalho com as peças teatrais *Romeu e Julieta* (1591/95) e *Sonho de uma noite de verão* (1595/96), desenvolvido numa turma do 8º ano do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG), problematiza a relação do professor junto às mídias contemporâneas. Ao focar questões relacionadas à leitura de fruição estética e às possibilidades de mediação entre os alunos e as obras literárias, aponta para os relevantes desdobramentos do trabalho feito de modo a aproximar ensino de literatura, arte, cultura e mídias.

Gusmão Freitas Amorim, Maria Zilvânia Rabêlo e Jorge Alberto Rodriguez, no artigo *As narrativas como recurso para o ensino de história*, objetivam discutir o potencial das narrativas no ensino de história, destacando-se a narrativa histórica em sala de aula e seu diálogo com a narrativa literária. A partir de pressupostos de Hayden White, sobre a relação entre a narrativa histórica e o discurso literário, e Paul Veyne, que descreve a História como uma narrativa de eventos, aos quais cabe ao historiador atribuir sentido, selecionar, simplificar e organizar, argumentam que as narrativas podem desempenhar importante papel na construção de fatos históricos e têm potencial para organizar a apresentação dos conteúdos, facilitar a compreensão e envolver o aluno na aula, de forma a aumentar seu interesse.

## ARTIGOS ESPECIAIS

Helena Doris Sala e Ana Lúcia Louro, no texto *O diário de aula como um espaço para (auto)narrativa dentro de aulas de canto coral em um projeto social*, apresentam uma reflexão sobre o ensino de música, destacando questões relacionadas a projetos sociais e canto

coral. Tendo como metodologia a “autonarrativa” e “narrativas de si”, ambas refletidas nos diários de aula, investigam sobre a atuação do professor e os caminhos deste, em sua docência, utilizando da ferramenta dos diários de aula como um espaço para a “escrita de si” e “narrativa de si”, promovendo reflexões a fim de compreender e modificar suas práticas e, com isso, forjar sua identidade profissional.

No artigo *Biografia ou declaração de ambição filosófica: como ler Ecce Homo de Nietzsche?*, Lúcia Schneider Hardt discute o livro *Ecce homo*, de Nietzsche, afirmando que o texto é uma interpretação do próprio filósofo sobre seu pensamento, não para dar ao livro um tom sagrado, tampouco para destacar sua biografia, mas para afirmar um pensamento dissonante e expor sua ambição filosófica.

Djavan Antério e Pierre Normando Gomes-da-Silva, em *A comunicação corporal como saber docente*, abordam a comunicação corporal como um saber docente. Constatando a concepção reduzida do corpo no processo ensino-aprendizagem e a não inclusão dessa temática no rol dos saberes docentes, esta pesquisa elucida as possibilidades de um agir pedagógico mais consciente do próprio corpo na ação educativa. Os pesquisadores insistem, assim, na necessidade de que a linguagem corporal consciente se constitua num saber docente útil para a prática educativa do professor.

.....

Esta seção temática é sobre educação, linguagem(ns) e arte. Todos os artigos tocam algum desses temas de maneira a se complementarem, o que confere coerência ao trabalho e lhe dá consistência teórica. Esperamos que o compromisso comum com tais temas, assumido pelos colegas autores, possibilite alcançar os objetivos a que nos propomos, oferecendo experiências de leitura instigantes. Experiências que se traduzam como acontecimentos, atualização de memórias, descoberta de sentidos outros.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

ERNST-PEREIRA, A.; MUTTI, R. M. V. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. *Educação & Realidade*, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 15 Jun. 2015.

FISS, Dóris Maria Luzzardi. Identidades docentes: entre o mal-estar a autoria. In: STAHLSCHEMIDT, A. P. M.; HOPPE, M. M. W. SIVEIRA, V. F. *Temas contemporâneos à psicanálise e educação*. São Leopoldo: oikos, 2014.

FISS, D. M. L.; MUTTI, R. M. V. *Apresentação – Língua, discurso e sujeito na educação. Educação & Realidade*, v. 36, n. 3, p. 643-650, set./dez. 2011. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 15 Jun. 2015.

FREIRE, Paulo. *Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 40. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. New York: Harper & Row, 1971. Disponível em [http://ssbothwell.com/documents/ebooksclub.org\\_Poetry\\_Language\\_Thought\\_Perennial\\_Classics\\_.pdf](http://ssbothwell.com/documents/ebooksclub.org_Poetry_Language_Thought_Perennial_Classics_.pdf). Acesso em: 15 Jun. 2015.

MOURA, Sandra Regina de. *Identidades Docentes e Estágio Curricular: afetações de um acontecimento*. UFRGS, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2014. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura – Pedagogia. Texto digitado.

MUTTI, Regina Maria Varini. A heterogeneidade na linguagem e sua evidenciação: uma introdução. *III Seminário Pesquisa em Educação Região Sul*, 2000, Porto Alegre. III Seminário Pesquisa em Educação Região Sul -Anais- UFRGS-PPGEDU. Porto Alegre: Forum Sul de Coordenadores de Pós-Graduação - ANPED, 2000a.

MUTTI, Regina Maria Varini. Assim... assim... dizem os alunos. In: LEFFA, Vilson J. (ed.). *Linguagem & Ensino – Revista do Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas*, v. 3, n. 1, jan. 2000b. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/280> Acesso em: 15 Jun. 2015.

MUTTI, Regina Maria Varini. Indisciplina e discurso pedagógico: efeitos de sentidos diversos em confronto. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 3, p. 347-358, set.-dez. 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2014.3.18082>

MUTTI, Regina Maria Varini. O primado do outro sobre o mesmo.... In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

MUTTI, Regina Maria Varini. O professor e a constituição de nova posição no discurso pedagógico. In: ERSNT-PEREIRA, Aracy; MUTTI, Regina Maria Varini (orgs.). *Práticas discursivas*. Pelotas: EDUCAT, 2008.

MUTTI, Regina Maria Varini. Uma aplicação da análise do discurso a leitura e análise de textos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n.2, p. 87-111, 1991.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Trad. por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Trad. por Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.

TOMÉ, C. L.; MATTE, M. Entrevista: Homenagem à Professora Regina Maria Varini. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 3, n. 1, Número Especial – Introdução à Análise de Discurso, p. 611-624, Abr. 2012. Disponível em: [sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/.../553/361](http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/.../553/361). Acesso em: 15 Jun. 2015.